

CONTOS
E NOVELAS
TODA A FICÇÃO CURTA DE
**CAMILO
CASTELO
BRANCO**
VOLUME I

ORGANIZAÇÃO · INTRODUÇÃO · NOTAS
HUGO PINTO SANTOS



Índice

Introdução	9
Prefácio	27
Cronologia camiliana	63
Bibliografia	79

CONTOS E NOVELAS COMPLETOS

MARIA NÃO ME MATES QUE SOU TUA MÃE – 1848	83
UM LIVRO – 1855	99
Vinte Dias de Agonia	101
CENAS CONTEMPORÂNEAS – 1855	135
Morrer por Capricho	137
Uma Paixão bem Empregada	153
De Abismo em Abismo	158
Aventuras dum Boticário de Aldeia	162
Cousas Que só Eu Sei	171
Dinheiro! Dinheiro!	212
A Caveira	227
Uma Praga Rogada nas Escadas da Forca	244

CAMILO CASTELO BRANCO

CENAS DA FOZ – 1857	263
A Sorte em Preto	269
Dinheiro	339
DUAS HORAS DE LEITURA – 1857	417
Dous Santos não Beatificados em Roma	419
Impressão Indelével	442
Sete de Junho de 1849	452
Do Porto a Braga	458
DOZE CASAMENTOS FELIZES – 1861	507
Primeiro Casamento	511
Segundo Casamento	525
Terceiro Casamento	536
Quarto Casamento	548
Quinto Casamento	563
Sexto Casamento	573
Sétimo Casamento	586
Oitavo Casamento	594
Nono Casamento	606
Décimo Casamento	615
Undécimo Casamento	627
Último Casamento	638
NOITES DE LAMEGO – 1863	651
Conhecimentos Úteis (Lãs e Algodões)	653
Dois Casamentos	659
Tramóias desta Vida	676
A Formosa das Violetas	699
Como Ela o Amava!	706
História de uma Porta	716
O Infante D. Duarte	725
César ou João Fernandes?	731
APÊNDICE	
Tribunal Criminal do 1.º Distrito	
Julgamento da Acusada Maria José	755

Introdução

Esta Edição – Ficção Breve

A presente edição tem por objecto, pela primeira vez, disponibilizar ao leitor de Camilo Castelo Branco um repositório de toda a ficção breve do «primeiro Romancista da Península» – como já era conhecido em vida o nosso autor.

Ainda antes de propriamente começar, eis uma dificuldade que não será despicienda. O que é, o que não é ficção breve? Não se enjeita, naturalmente, a questão vexada que consiste em saber se a ficção breve de Camilo não abarcará quase a totalidade do que o enorme escritor assinou no domínio da narrativa ficcional. Ainda assim, entendeu-se – como, de resto, fez Alexandre Cabral, referência máxima do estudo de Camilo –, que é preciso distinguir entre romances (*Anátema*, *Mistérios de Lisboa*, *A Filha do Arcediago*, para referir apenas os três primeiros romances do autor) e textos a que poderíamos chamar novelas (não só as óbvias *Novelas do Minho*, mas algumas das ficções reunidas em *Noites de Lamego*, como «Tramóias desta Vida»), ou mesmo contos («Uma Paixão Bem Empregada», de *Cenas Contemporâneas*, mas também as narrativas incluídas em *Vinte Horas de Liteira*, como, e é só um exemplo, o delirante e magnífico «Os Percevejos de Baltar»). Foi precisamente o que se fez, nesta edição: escolher, na ficção de Camilo, os textos que não se possam considerar romances – ou seja, posto de uma forma propositadamente simplista, os que fossem ficções longas.

Seja como for, deverão sempre ficar como aviso eloquente as palavras de Vitorino Nemésio, na sua nota preliminar aos *Doze Casamentos*

Felizes: «Novelas? Contos? A nomenclatura de género é aqui flutuante: tão depressa “romance de uma dúzia de páginas”, como “este romancinho”, “estas historinhas”.»⁽¹⁾ De resto, precisamente, os *Doze Casamentos* surgem subscritos com a indicação «Romances». Quer isto dizer que de maneira nenhuma podemos contar com a ajuda de Camilo para, pelo menos, definir o terreno, ou conceber para ele barreiras claras. Resta-nos, portanto, usar de um certo instinto, na esperança de que ele coincida com um grau desejável de sensatez. Assim sendo, faz sentido incluir nesta série todos aqueles textos que, pela sua extensão, capacidade de desenvolvimento, rapidez narrativa, ou concisão de construção diegética, não possam ser considerados romances, ou que caibam na certa designação, de sentido lato, «narrativa», utilizada por Alexandre Cabral.

Para os propósitos da edição que agora se apresenta, optou-se por avançar na obra de Camilo Castelo Branco por ordem cronológica. Numa primeira fase, ter-se-á em conta apenas os textos que saíram em livro (pormenor importante), durante a vida do autor, independentemente de ter havido publicação prévia em periódicos de parte ou de todos os textos incluídos – prática, como é sabido, comum em Camilo. Dessa forma, inclui-se a totalidade dos textos que foram sendo publicados pelo autor, quer em miscelâneas suas, como *Noites de Lamego*, quer em conjunto coeso e uno, tal as *Novelas do Minho* – quer ainda títulos únicos em volume, como *Voltareis, Ó Cristo?*⁽²⁾ Para cada colectânea ou livro unitário da obra camiliana, indicar-se-á, em local apropriado, a proveniência anterior de cada escrito reunido.

Em fase posterior, o plano desta edição contempla a reunião da restante ficção breve de Camilo, que o autor deixou dispersa e não chegou a ser coligida em volume durante a vida do escritor. Este dado não é de somenos importância. Ao longo do século xx, além da «assombrosa colectânea»⁽³⁾ dos *Dispersos*⁽⁴⁾ camilianos, a cargo de

⁽¹⁾ *Doze Casamentos Felizes*, 8.^a edição, fixação do texto por Laura Arminda Bandeira Ferreira, nota preliminar por Vitorino Nemésio. Parceria A. M. Pereira, Lisboa, 1969.

⁽²⁾ *Voltareis, Ó Cristo*, Viúva Moré, Porto, 1871 (depois da segunda edição, acoplado a *No Bom Jesus do Monte*).

⁽³⁾ Alexandre Cabral, *Páginas Quase Esquecidas*, Inova, Porto, 1972, primeiro tomo.

⁽⁴⁾ *Dispersos*, 5 volumes, Imprensa da Universidade, Coimbra, 1924–29, compilação e notas de Júlio Dias da Costa.

INTRODUÇÃO

Júlio Dias da Costa, um dos mais perseverantes e notáveis estudiosos de Camilo – e um dos poucos que Alexandre Cabral destaca pela positiva, de entre todos os camilianistas⁽⁵⁾ –, houve recolhas que republicaram alguns desses dispersos⁽⁶⁾, ainda que talvez pudéssemos considerá-los «uma agulha em palheiro», para usar o título de um dos romances do escritor.

Critérios editoriais

Por opção do organizador desta edição, decidiu-se que se tomaria por base de trabalho a série publicada pela Parceria A. M. Pereira, nomeadamente o conjunto designado por «Edição Vulgar» – a que se contrapunha, ao tempo, a chamada «Edição Popular», a qual não incluía os prefácios, ou notas preliminares, presentes na outra. Trata-se do repertório editorial mais amplo, coerente e, em nossa opinião, o mais correcto, genericamente falando, de quantos se editaram. Dos 80 volumes projectados, a vasta maioria seriam, efectivamente, publicados nesta série, e foram esses que seguimos, com excepções que, a seu tempo, serão assinaladas e esclarecidas. Para os propósitos da presente colecção, os títulos da Parceria têm, ainda, um ponto a seu favor que outras colecções não apresentam. Publicaram-se na Parceria, e não noutras séries, os livros de miscelânea que compõem, nomeadamente, este primeiro volume – e uma parte muito substancial dos seguintes. Acresce um importante factor, relativamente à edição Parceria: os estudos introdutórios. Se, inevitavelmente, nem todos têm a mesma qualidade, nem apresentam pontos de atracção semelhantes – não deixa de haver prefácios perfeitamente esquecíveis –, a verdade é que uma grande generalidade deles são de primeira grandeza. Vitorino Nemésio, Ruben A (como Ruben Andresen Leitão), Castelo Branco Chaves,

⁽⁵⁾ Alexandre Cabral, que tinha toda a moral para ser exigente para com os seus antecessores e coevos (responsável, porventura, pelo mais notável labor camiliano de que há memória), não deixou de salientar positivamente outros estudiosos de Camilo a quem muito devemos, como, por exemplo (e acima de todos), Ludovico Menezes.

⁽⁶⁾ Dois exemplos apenas: *A Última Vitória de Um Conquistador*, Inova, Porto, 1972; *O Esqueleto*, Rolim, Lisboa, 1985, prefácio José Viale Moutinho.

Cabral do Nascimento, Ruy Belo, Alexandre Cabral, para citar apenas alguns, assinam estudos dignos de antologia.

Em determinados pontos específicos, divergimos da lição adoptada pela Parceria, o que é explicitado em nota, e seguiu-se uma versão diferente, como no caso de uma edição originária de outra casa editora, que esteve a cargo de Alexandre Cabral⁽⁷⁾. Mesmo aí, nem sempre estivemos de acordo com todas as opções aí tomadas – tudo isso, porém, se esclarece em nota aos passos duvidosos. Paralelamente a este critério, houve um cotejo frequente com a primeira edição de cada título, ou a segunda, ou terceira, para esclarecer dúvidas, comparar grafias e outras opções – repita-se o que antes se disse quanto às notas.

Cumpre referir que outras editoras lançaram projetos semelhantes ao da Parceria. Assim, Caixotim Edições publicou 16 títulos de um conjunto previsto de 40 títulos, o que, sem retirar mérito à louvável edição (de grande qualidade, por sinal), é manifestamente insuficiente, para servir de eventual padrão alternativo, para os propósitos da presente edição. A Imprensa Nacional-Casa da Moeda tem em curso a edição crítica⁽⁸⁾ da obra de Camilo, da qual se publicaram já cerca de uma dezena de títulos, nenhum dos quais coincidente, pelo menos, com este primeiro volume. Deve, ainda, dar-se conta do projecto em vigência da editora Glaciar, que até ao momento publicou três volumes, num total de seis romances de Camilo. O Círculo de Leitores lançou os quatro volumes de uma *Camiliana*, a cargo do estudioso de Camilo, e seu dinâmico divulgador, José Viale Moutinho⁽⁹⁾; no entanto, o âmbito, geral e abrangente, daquele projecto editorial parece indiciar um objecto distinto do que tem esta edição. O empreendimento mais ambicioso cabe, todavia, a Lello Editores, responsável pelas «Obras

⁽⁷⁾ *As Novelas de Camilo Castelo Branco*, Livros Horizonte, 2 vols., Lisboa, 1979, selecção, prefácio e notas de Alexandre Cabral.

⁽⁸⁾ Assinale-se que não se tratará, integralmente, de uma edição crítica, uma vez que a colecção de variantes parece ser claramente selectiva, mostrando-se, em alguns casos, diminuta, além de haver um elenco reduzido de aparato crítico, pelo menos em certos títulos já vindos a lume.

⁽⁹⁾ O organizador deste volume não esquece que é a J. Viale Moutinho que deve o renovamento e a intensificação do seu interesse pessoal por Camilo, quando, há mais de 20 anos, o estudioso mantinha, nas páginas do *Jornal de Notícias*, uma rubrica semanal dedicada ao grande escritor. A ele, portanto, um sentido agradecimento.

QUARTO CASAMENTO

E viva amore!

BOCCACCIO
(*Il Decamerone*)

I

O caso foi assim:

O senhor Hilário Afonso fora avisado, por um vizinho, de que sua sobrinha Inês namorava o filho de um boticário da terra.

Ora, o senhor Hilário, conquanto, no começo da vida, tivesse exercido, em Vila Real de Trás-os-Montes, o improdutivo mester de botiquineiro, herdara depois grandes cabedais dum parente brasileiro, e trespassadas logo quatro garrafas de licor de canela e amêndoa, e meia dúzia de chávenas sem pires, e dous bules remendados com cintas de arame e bicos de lata, conseguira casar com uma velha fidalga e fidalga velha que tinha duas alimárias rompentes no escudo, e uma ave desconhecida no timbre.

Desta fidalga é que era sobrinha D. Inês, formosa e esbelta menina de dezoito anos, nascida e educada em Lisboa, onde ficara órfã e donde fora enviada como pupila a sua tia D. Hermenegilda Picoa.

Hilário Afonso tinha sido miliciano – sargento, creio eu – e conquistara renome de bravo, senão no fogo, na água mui deveras o merecera, sendo que a sua façanha celebrada fora ter ele atravessado o

Douro a nado para ir levar ao general, marquês de Angeja, um officio importante, quando a passagem para a Régua estava defendida por guerrilhas do Silveira. Hilário encarecia esta proeza, como Byron a sua idêntica do Helesponto; e a jovem Clélia não se empavesara tanto por ter cortado a corrente do Tibre.

O façanhoso sargento não conhecia Byron nem Clélia: era sincera e piramidalmente estúpido. Esta invejável qualidade tornara-o digno de enxertar-se no tronco ilustríssimo de sua mulher, no que toca à fidalga inteligência de ambos. A questão do sangue, porém, essa é outra. O sangue de Hilário, filtrando através dos rolos das peças herdadas, expurgara-se dos glóbulos plebeus, e até judaicos, pelos modos – que os praguentos da terra, afrontados pela soberba riqueza do antigo sargento de milícias, vingavam-se, dizendo que de Bragança descera para Vila Real uma belfurinha judia, cujo bisneto ele era. Como quer que fosse, Hilário Afonso zelava o decoro de sua casa, e andava no encalço de marido para Inês, presuntiva herdeira de seus tios.

Já D. Hermenegilda trazia de olho o morgado de Lobrigos, que tinha no brasão quatro cabeças de turcos; Hilário, porém, esmiuçando a prosápia do morgado, averiguara que o quinto avô dele casara com a filha do feitor da casa, e a terceira avó não lograva boa fama com o capelão da mesma.

Dizem que o senhor Hilário, recolhendo destas pesquisas, antes de comunicá-las à consorte, parara defronte de quatro roídos retratos dos avós de sua mulher e dissera: «Nobres bispos e generais! Posto que o vosso sangue me não corra nas veias, sou vosso neto pelo sacramento que me liga à mui nobre dama D. Hermenegilda Picoa Salema Bernardes! Não temais, portanto, que vossa neta e minha sobrinha, a muito nobre senhora D. Inês, manche a vossa linhagem!» E, dizendo, tirou os óculos para limpar, com o canhão da casaca, duas lágrimas bogalhudas, que se lhe penduravam nas pálpebras inferiores.

Era preciso relatar estes pormenores para dispor quem lê a imaginar de pronto qual seria a indignação de Hilário Afonso, sabendo que o filho de um boticário se atrevia a erguer olhos esponsalícios para sua sobrinha. A fim de poupar a esposa a um insulto apoplético, não lho disse, e sofreu a paixão iracunda até poder expandi-la num rasgo de justiça em que D. Hermenegilda se desse por desafrontada.

E as revelações eram cada vez mais pavorosas. Dissera-lhe o abelhudo vizinho que, por volta de uma hora da noite, vira sair um vulto do portão e ajuntou que, seguindo o vulto, reconhecera o filho do boticário.

Hilário abafou ainda o rugido; mas desafogou provisoriamente por um lance digno do final de um acto, como eu ainda não vi. Conduziu Inês pela mão defronte dos retratos, prolongou o braço na atitude estatuária dos patriarcas, alongou o indicador na pontaria de um dos dous bispos de lona, e resmungou com ventríloqua e tétrica entonação:

— Tenha vergonha daqueles heróis, Senhora D. Inês Picoa Salema Bernardes!

Inês fitou os seus belos olhos de lustroso azeviche em Hilário Afonso e disse:

— O tio estará doudo!?

II

Soara uma hora no relógio de S. Pedro.

A lua passava no céu, serena e meiga, por noite estiva. A viração baloiçava com saudoso sóido as copas dos álamos e acácias e amoreiras que sombreiam a pitoresca alameda de Vila Real. Ao longo do peitoral desse passeio, ia e vinha Hilário Afonso, com os olhos fitos sempre no portão da sua casa. Rebuçava-se cautelosamente num capote de camelão de quatro cabeções. Derrubada sobre os olhos, a aba do chapéu braguês projectava-lhe sobre o queixo inferior sombras sinistras. Um palmo acima do ombro, saía-lhe o castão amarelo de um grosso pau de choupa. Das arcadas profundas do peito do senhor Hilário, regorgitava, a espaços, um suspiro estrangulado e catarroso, como arremedo ao piar dos mochos, que pareciam carpi-lo das ruínas do próximo convento de franciscanos.

Bateu uma hora, e Hilário deu um sacão formidável: é que vira avizinhar-se um vulto da sua porta. Saiu do passeio e coseu-se com a parede, escondido pelo arvoredado. A lua, meio velada na gaze de uma nuvem, mostrara o rosto em cheio. O vulto, que parara defronte da porta de Inês, conhece Hilário e retrocede. Este deixa cair o capote

e corre sobre o outro encapotado, que pára e espera a pé firme o remetimento furioso. Era o filho do boticário um moço de melindrosa compleição, já nascido nesta época de espartilhos e lunetas, mártir do verniz das botas, ungido de macáçar, inventor dos pós com que o rosado das unhas se purpureia e doutros pós dentríficos com que o esmalte primitivo se conserva em todo o seu brilhante.

A primeira paulada apanhou-o de ombro; a segunda caiu desamparada no chão, dez braças à retaguarda do alígero farmacopeia. Era um fugir incrível, e único na história das retiradas felizes!

Hilário Afonso recolhia, soberbo como Aquiles à sua tenda, e viu alguns objectos negrejando sobre a calçada que o luar prateava: eram uma capa, o chapéu e uma clavina-refe(*) do destroçado amador de Inês.

Apanhado o espólio, Hilário subiu a escadaria e entrou, pesado, hirtó e terrível, como a estátua do comendador, no quarto de Inês. A consternada menina presenciara o brutal ataque, no instante em que tirava subtilmente pelo trinco do portão. Fugindo temerosa ao som cavo, que o elástico marmeleiro tirava das espáduas do seu bem, a menina perdera a presença de espírito que inspira os expedientes felizes e fora sentar-se, esbofada e chorosa, numa cadeira do seu quarto. Vendo, porém, Hilário, a raiva restaurou-lhe o ânimo, e o escarlate retingiu-lhe a face que o temor amarelecera.

— Que tem que fazer no meu quarto? — exclamou Inês.

— Vergonha das Picoas Salemas! — rugiu Hilário, deixando cair a trouxa do fugitivo.

— Não lhe dou direito de me insultar! — replicou ela com lágrimas de cólera. — O senhor não me é nada! Se devo ser repreendida, só posso sê-lo por minha tia; e, de mais disso, neste quarto só entram mulheres.

— Neste quarto — redarguiu Hilário com gesto assombrado e fúnebre —, neste quarto, senhora D. Inês, morreu sua bisavó D. Tomásia Picoa, e sua avó D. Teresa Salema Bernardes, as duas mais nobilíssimas fidalgas desta província, honra e ornamento da sua linhagem, as quais teriam morrido de pasmo, se soubessem que uma sua neta havia de... Sufoca-me a vergonha!... Tremo que este tecto desabe sobre a sua

(*) Termo híbrido (da lavra de Camilo?), que justapõe «clavina» e «refe», forma alternativa de «refle», «Tipo de espingarda de cano curto, semelhante ao bacamarte» (*Dicionário Aulete*) [nota do organizador].

criminosa cabeça, raça degenerada!... Um boticário!... Um filho do Manuel das Alminhas!... Oh! Vergonha!...

E Hilário Afonso escondera o rosto entre as mãos, como Agamémnon no sacrifício de Ifigénia.

No entanto, D. Hermenegilda, acordada pelo grito das apóstrofes, saltara fora do leito, envergara um joeszinho de castorina cor de café com leite e, com a lamparina em punho, entrara no quarto da sobrinha.

Hermenegilda ignorava os precedentes deste conflito. A primeira ideia que lhe alvoroçou a cabeça estremunhada não é ideia que se diga, porque o ciúme humano nunca inventou tamanha calúnia.

Quando a velha fidalga entrou com a lamparina na mão, Hilário, ainda arquejante, caminhou para ela, e rompeu nestas palavras:

— Senhora D. Hermenegilda! Fiz quanto em mim coube por que a senhora não soubesse que sua sobrinha, esquecida do sangue que lhe gira nas veias, dá palestra a um mecânico sevandija, a um plebeu, a um...

— Fale baixinho, Hilário! — interrompeu Hermenegilda convulsa de terror. — Fale baixo, que não ouçam os servos este escândalo! Que ouvi, céus! Estarei sonhando?!

— Não sonha, não! — tornou Hilário, erguendo do soalho a clavina e a capa. — Está vingada, senhora! Seus avós devem ter abençoado a minha obra. O pandilha está punido!

— Que pandilha!? — exclamou a neta de D. Tomásia Picoa.

— O filho do boticário Alminhas! — bradou, soturno e solene, Hilário Afonso, escorchando sob o pé colossal o chapéu da vítima.

D. Hermenegilda expediu do peito um ai rouco e caiu nos braços do sargento de milícias.

III

Rompia a aurora desse dia esquerdo.

Inês fora acordada do seu dormir febril pela guisalhada dos machos duma liteira, que parara à porta.

Em seguida, entrou no quarto da menina a sua criada particular, dizendo-lhe que a tia a mandava vestir para fazer uma curta jornada. Inês, alquebrada e sem vigor para resistir, vestiu-se.

Chegou depois a tia e disse-lhe com agastamento:

— A menina vai hospedar-se numa casa daqui distante duas léguas, enquanto se prepara a sua entrada num convento de Lisboa, para onde vou participar ao conselho de família as vergonhas que a senhora veio trazer ao seio de uma família sem mancha.

— Pois eu manchei a minha família? — disse Inês com humildade dissimulada.

— Ainda o pergunta!... Deixa-se amar do filho de um... de um... Oh!... horror!

— Diga, diga minha tia...

— Não me chame sua tia!

— Não chamaria, não — redarguiu Inês, num ímpeto de veemente cólera. — Se lhe chamar «minha tia», serei obrigada a julgar meu tio um homem, que não foi boticário, mas foi... botiquineiro.

— Já fora de minha casa!... Já!... — berrou a velha, levando-lhe os punhos ao rosto.

— Lembro-lhe que meus pais nunca me bateram!... — disse com irónica submissão Inês.

— Ameaça-me?

— Não a ameaço; digo-lhe unicamente que as suas mãos nunca mais me hão-de tocar no rosto e que muito tenho que agradecer a Deus por consentir que eu só fosse insultada pelas palavras da botiquineira.

Hermenegilda estava epiléptica: fazia caretas medonhas e contorcia-se como energúmena. Acudiram as criadas; e a próspera intervenção de uma pessoa estranha à família evitou que a velha fidalga, ao recobrar-se dos paroxismos da cólera, se atirasse com unhas e dentes à sobrinha.

Esta pessoa estranha era um padre, amigo da casa, que devia acompanhar Inês ao seu destino.

A melancólica menina entrou na liteira com uma criada que já o fora de sua mãe. Ao lado da locomotiva soporífera, encavalgava o clérigo, cabisbaixo, trombudo, sorvendo pitadas umas após outras, para espancar o sono, que, por vezes, o quisera precipitar do macho trôpego.

— Para onde vamos nós, senhor padre Custódio? — disse a criada pela janela da liteira.

— Para onde Deus for servido levar-nos. Daqui a hora e meia já sabe para onde vamos.

— Mas estes sítios são tão feios! — replicou a criada galhofeira.
— Acho que nos levam para algum bosque!...

— Todos os lugares são bons, quando a graça do Altíssimo mora conosco — tornou o egresso intervalando a sentença com o assobio da pitada. — Quer vossemecê saber um remédio eficaz contra a curiosidade, Senhora Anacleta? Reze as suas continhas, se as leva; e, se lhe esqueceram, eu empresto-lhe as minhas.

— Muito agradecida, senhor padre Custódio; se vamos para algum deserto, não nos há-de faltar tempo de rezar...

— Pois ainda bem, e bom seria que na terra povoada tivessem também rezado, para não trazerem a cabeça no ar...

Isto era alusão clara e pungente a D. Inês, que saiu do torpor, dizendo:

— Fala comigo, senhor Padre?

— Se lhe serviu a carapuça, menina, a culpa não é minha — respondeu o austero levita, armando os dedos descarregados.

— Com que então, entende vossa reverendíssima que eu andava com a cabeça no ar?

— Pudera andar com ela pelo chão! — atalhou a criada. — Pelo chão devia muita gente, que eu cá sei, trazer as mãos...

— Vossemecê é muito malcriada — replicou o egresso.

— Parece que também lhe serviu agora a carapuça, senhor padre Custódio — disse Inês sorrindo.

— Tenha juízo, menina! Lembre-se de quem é filha e da vergonha que causou a toda a sua família.

— Pois eu envergonhei a minha família?

— E ultrajou-a aos olhos de Deus e da sociedade.

— Porquê?

— Faça-se de novas... Não se vexar de ser a namorada do filho do Alminhas, que está aí atrás da porta a pisar as drogas no almofariz!

— Pois a mulher que ama um homem que trabalha, ultraja a sua família aos olhos de Deus!? Ó senhor Padre, essa doutrina, se é a do Evangelho, é muito repugnante com a do Evangelho que me ensinou minha mãe. «Amai-vos uns aos outros, porque todos sois filhos do mesmo pai» dizia-me ela que isso era o espírito da lei de Jesus,

— Ai! Boa vai ela! — interrompera Anacleta. — A minha ama a ensinar o Padre-Nosso ao vigário, e acho eu que ele bem precisa que lho ensinem...